

# A coleção de livros de horas da Real Biblioteca Portuguesa

Maria Izabel Escano Duarte de Souza  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

A Real Biblioteca Portuguesa, como se constitui hoje, deve sua origem a um acontecimento trágico: um incêndio causado pelo terremoto que atingiu Lisboa em 1755. Ela foi quase que completamente reconstruída durante o reinado de D. José I. Pouco mais de 50 anos depois, em 1808, as 60 mil peças desta coleção chegaram ao Rio de Janeiro junto com a Família Real, onde dariam origem, mais tarde, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Dentre estas peças há de se destacar um conjunto de quatro livros de horas, que pertenciam originalmente à Casa do Infantado. Eles são ricamente decorados e iluminados e estão localizados na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional. Apresentar os diversos aspectos concernentes a esta coleção, bem como os livros de horas individualmente, levando em consideração sua interface com outras coleções de manuscritos são assim os objetivos desta comunicação.

**Palavras-chave:** Real Biblioteca Portuguesa; livros de horas; manuscritos iluminados

---

The Portuguese Royal Library was formed, as it is known today, due to a tragic event: a fire caused by the earthquake that struck Lisbon in 1755. The city was almost completely rebuilt during the reign of Joseph I. Just over 50 years later in 1808, the 60,000 pieces of this collection came to Rio de Janeiro with the Royal Family, which would form later the National Library of Rio de Janeiro. Among these objects stands out a group of four books of hours, which originally belonged to the House of the Infantado. They are richly decorated and illuminated, and placed in the manuscripts' section of the National Library. We intend to present various aspects related to this collection, as well as the books individually, taking into account its interface with other manuscripts' collections .

**Key words:** Royal Portuguese Library; book of hours; illuminated manuscripts

### As aventuras de uma coleção

Em 1º de novembro de 1755 Lisboa viveria uma das maiores tragédias de sua história. Segundo dados contidos na obra *A longa viagem da Biblioteca dos Reis*, de Lília Moritz Schwarcz, eram 9:45 da manhã de um domingo, quando um terremoto violento, seguido de um incêndio e um maremoto – causado pelos abalos, devastaria a cidade que era, à época, a capital de um dos maiores impérios coloniais da Europa<sup>1</sup>. Segundo testemunhas foram três abalos sucessivos que duraram cerca de 15 minutos. Logo depois, um maremoto provocado pelos abalos fez com que as águas do rio Tejo subissem de 6 a 9 metros<sup>2</sup>. Mas nada disso provocou mais destruição do que o incêndio que ardeu em Lisboa, destruindo aquilo que restava e matando aqueles que estavam dentro de casa<sup>3</sup>.

Apesar de não haver uma contagem oficial, estima-se que, em uma população de 250 mil habitantes, segundo o historiador José França, entre 15 e 20 mil pessoas morreram por conta deste cataclisma<sup>4</sup>, quase 10% da população. Sobre o que não resta dúvida é a destruição causada na cidade, onde quase nenhuma construção escapou ao terremoto ou ao incêndio. Do Palácio Real nada sobrou. Por sorte, a Família Real não foi afetada – estavam em Belém<sup>5</sup>, a pouco mais de 6.000 km de distância do centro de Lisboa, onde ocorreu o terremoto.

No entanto, a Real Biblioteca não contou com a mesma sorte – foi destruída junto com o Palácio da Ribeira, onde ficava localizada. Seus quase 70 mil volumes foram reduzidos a pó<sup>6</sup>.

Foi o rei D. João V (1706-1750) o maior responsável por aumentar e incrementar a Real Biblioteca e fazê-la chegar a tal número de exemplares. Em 1723, ele concluiu a construção de uma nova edificação para o acervo, junto ao Paço da Ribeira, residência oficial da Monarquia.

Além de fisicamente, D. João V também ampliou o acervo da Real: ele mantinha emissários nos principais centros culturais da Europa, que pesquisavam e recomendavam a aquisição de novas obras, de temas mais variados possíveis. Em 1735, segundo catalogação dirigida por Pina Proença e Martinho de Mendonça, juntamente com outros especialistas de diversos segmentos, a Real contava com 60 mil exemplares<sup>7</sup>.

---

<sup>1</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002, p. 17.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 32 e 34.

<sup>7</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002, p. 77 e 78.

Nos reinados seguintes, apesar de modestas, as aquisições continuaram frequentes. Em 1755, ela abrigava duas coleções: a Biblioteca Real, que continha obras variadas dos mais diversos temas; e a Casa do Infantado, uma seleção de obras destinada à formação dos jovens monarcas. As duas localizavam-se no mesmo lugar – o Paço da Ribeira, e foram destruídas pelo cataclisma.

Deve-se salientar a importância da constituição de uma Biblioteca para uma Monarquia. Ela representa a erudição, cultura e conhecimento de seus monarcas, e traz em si um poder simbólico muito forte associado tanto ao status social quanto ao político.

É por isso que, após o terremoto, o bibliotecário responsável, Pe. José Caetano de Almeida, juntou o que sobrou e iniciou, com o aval do ministro do Rei D. José I, Marquês de Pombal, o processo de recomposição da coleção. A primeira medida tomada foi a transferência da Biblioteca para o Palácio da Ajuda, nova sede da Monarquia que estava sendo construída.

Logo após a instalação iniciaram-se as aquisições. A mais importante delas viria em 1770: a coleção do abade e bibliófilo Diogo Barbosa Machado, que contava com 5764 volumes<sup>8</sup> e demorou três anos para ser totalmente absorvida pela Real.

Ao longo dos anos que sucederam ao terremoto a Real foi sendo reconstruída aos poucos, junto com a cidade de Lisboa. A mesma política empreendida por D. João V para montá-la agora era empregada para remontá-la: emissários em várias capitais que adquiriam obras e coleções dos mais variados temas, destacando o caráter enciclopédico da Livraria Real. Outras aquisições importantes no período foram a de estampas e códices raros doados pelo artista Guglielmo Dugood, ativo em Portugal desde o reinado de D. Pedro II (1683-1706), os livros do Colégio de Todos os Santos, espólio dos jesuítas, e a coleção de 1234 obras do Conde da Cunha, comprada após sua morte, em 1793<sup>9</sup>. Nesse momento de reconstrução aceitava-se qualquer doação, desde que não contivessem heresias.

No reinado de D. Maria (1777-1816), apesar de perder o prestígio com o qual sempre contou, e ter de dividir as atenções com a Biblioteca Pública da Corte, aberta em 1797<sup>10</sup>, a Real permaneceu ocupando seu espaço junto aos monarcas portugueses, instalada no Paço da Ajuda.

Aqui chegamos a um outro ponto de virada na história dessa coleção. Com a ameaça da invasão francesa e a decisão da Família Real de se transferir para o Brasil, em 1807, junto com todo o aparato político e jurídico da Corte e da capital do Império Português,

---

<sup>8</sup> CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes. Subsídios para a história da Biblioteca Nacional. In: Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Vol. 101, 1981, p. 131.

<sup>9</sup> CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes. Subsídios para a história da Biblioteca Nacional. In: Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Vol. 101, 1981, p. 132.

<sup>10</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002, p. 172.

decide-se que a Biblioteca, como parte do patrimônio do Império, também faria a viagem.

Mas, apesar de encaixotada e pronta para a travessia, ela é esquecida no porto na manhã do dia 29 de novembro, dia da partida, debaixo de sol e chuva<sup>11</sup>. Quando se dá conta disso, Alexandre Antônio das Neves, o encarregado pela Biblioteca na época, retorna com os caixotes para o Palácio da Ajuda e toma como missão pessoal a proteção desses livros contra os inimigos franceses<sup>12</sup>. Sua bravura é recompensada quando ele recebe a ordem, em 1809, para voltar a encaixotar a coleção, que foi transferida para o Rio de Janeiro em três lotes: um em 1810, outro em junho de 1811 e o terceiro em novembro de 1811<sup>13</sup>, totalizando 230 caixotes<sup>14</sup>.

Quando o primeiro lote chegou aqui, em 1810, foi instalado no andar superior do Hospital da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que ficava nos fundos da Igreja de mesmo nome, atrás da atual rua 1º de março. Com a chegada dos dois outros lotes, logo se viu que um andar era insuficiente, e ampliou-se a ocupação também para o andar térreo, tomando assim todo o edifício do Hospital, que ficava apenas a alguns metros do Paço Imperial<sup>15</sup>. Em 1813, o edifício é reformado para se adaptar à nova função, e em 1814 a Biblioteca é franqueada ao público<sup>16</sup>.

Ao chegar ao Brasil, a coleção continuou a ser expandida com mais aquisições: além de obras remetidas diretamente de Portugal e daquelas produzidas aqui pela Imprensa Régia, incorporações importantes ocorreram. Em 1811, obras voltadas às ciências naturais do frei José Mariano da Conceição Veloso; 1576 volumes do ilustrado Manuel Inácio da Silva Alvarenga em 1815; e mais 6329 volumes pertencentes ao Conde da Barca, comprados em 1818<sup>17</sup>.

Assim então ia ganhando nova cara a Real Biblioteca em terras brasileiras. Seu último grande lance na história foi ter sido alvo de disputa e negociação quando da volta de D. João VI a Portugal, em 1821. Dos 2 milhões de libras esterlinas pagos pelo Brasil a Portugal como reconhecimento pela Independência, 800 contos de réis<sup>18</sup> corresponderam à compra dos seus quase 80 mil volumes impressos<sup>19</sup>, patrimônio de valor imensurável para uma recém-fundada nação que procurava se afirmar no cenário internacional e um monarca que queria sair da sombra do pai e trilhar seu próprio caminho.

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 262.

<sup>12</sup> Ibid., p. 264.

<sup>13</sup> Ibid., p. 265-269.

<sup>14</sup> CUNHA, op. cit., p. 132.

<sup>15</sup> CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes. Subsídios para a história da Biblioteca Nacional. In: Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Vol. 101, 1981, p. 132.

<sup>16</sup> Ibid., p. 133.

<sup>17</sup> Ibid., p. 133 e 134.

<sup>18</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002, p. 398.

<sup>19</sup> Ibid., p. 395.

## Os livros de horas

Como parte desta fantástica coleção, destaco aqui quatro livros de horas ricamente iluminados. Eles podem ser definidos como livros de orações que continham, além do Pequeno Ofício da Virgem Maria, outros ofícios, salmos e textos – a maioria deles em latim – para a edificação e recitação diárias dos leigos, de acordo com as horas canônicas. Sua leitura também era considerada um meio eficaz de preparação para a hora da morte e para se alcançar a salvação.

Infelizmente, os códices da Biblioteca Nacional não contam com muitos estudos que atestem seu local de origem e sua datação. São eles o 50,1,1; 50,1,16; 50,1,19 e 50,1,22, todos com carimbo da Real Biblioteca Portuguesa – Casa do Infantado e localizados, atualmente, na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

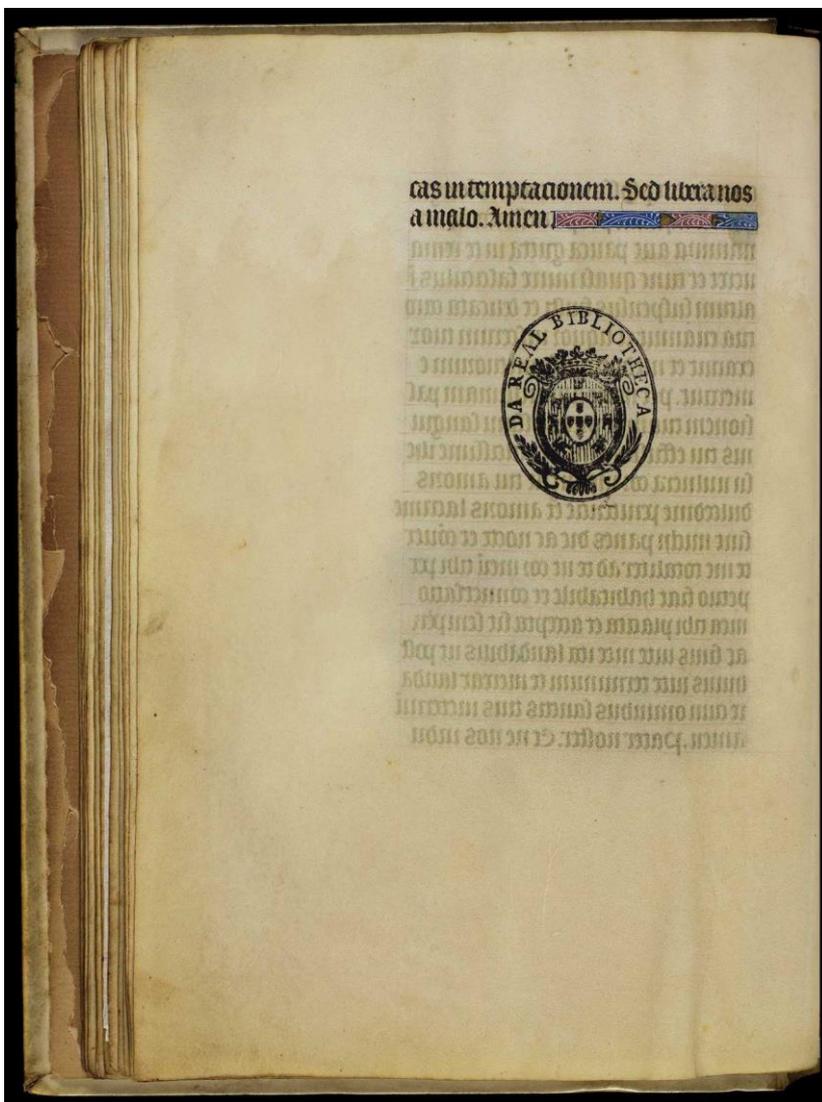


Figura 1. Carimbo da Real Biblioteca Portuguesa – Casa do Infantado. Livro de Horas para Uso de Sarum de Salisbury, Bruges, c. 1460. Rio de Janeiro Biblioteca Nacional (ms. 50,1,1)

A primeira pergunta a ser feita sobre tais livros diz respeito às suas origens: eles passaram a integrar a coleção Real antes ou depois de 1755, adquiridos de um antigo dono ou livraria? Uma pista que talvez nos ajude a compreender a presença destes livros na Real Biblioteca vem da obra de Lilia Moritz Schwarcz, em que a pesquisadora diz que, durante o reinado de D. João V, "as peças de estimação eram os Livros de horas que haviam pertencido a Francisco I, rei da França, com estampas de muitas iluminuras"<sup>20</sup>. Mais à frente, já se referindo ao reinado de D. Maria I antes da vinda para o Brasil, a pesquisadora também afirma que, segundo relatos da época, havia muitos livros de horas iluminados na coleção<sup>21</sup>.

Ou seja, desde o século XVIII havia livros de horas iluminados franceses na coleção, adquiridos posteriormente à sua confecção, demonstrando haver uma relação comercial-artística entre Portugal e França. Resta saber, e para isto necessitamos de pesquisas mais aprofundadas, se os manuscritos que temos hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro são os mesmos citados por Schwarcz como pertencentes ao rei francês. Para isso, vamos analisá-los separadamente.

O livro 50, 1, 16, segundo o Uso<sup>22</sup> de Paris, apresenta 160 fólhos, texto dos ofícios em latim, calendário e sufrágios dos santos em francês. Ele possui doze miniaturas de página inteira e cinco vinhetas marginais<sup>23</sup>.

François Avril, grande pesquisador francês especialista em manuscritos iluminados, atribui a este códice a data provável de 1460. Para ele, pelo estilo, as doze miniaturas do livro aparentam-se às obras do Mestre de Coetivy (Colin d'Amiens)<sup>24</sup>. Porém, Avril não deixa de apontar suas semelhanças com dois outros livros de outro iluminador francês: o ms 2685 da Bibliothéque Sainte-Geneviève, em Paris<sup>25</sup>, e o ms. Stowe 25 da British Library em Londres<sup>26</sup>.

---

<sup>20</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002, p. 73.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 179.

<sup>22</sup> Um tipo específico de liturgia (conjunto de versos, respostas, antífonas e capítulos) praticado em uma região particular ou por um grupo de pessoas. Os textos das missas e do ofício divino, bem como sua ordem durante o ano, variam de acordo com esses ritos, com celebrações relacionadas a santos locais sendo particularmente variáveis. Durante a Idade Média, alguns usos foram regulamentados por grandes catedrais ou ordens religiosas. BROWN, M. *Understanding Illuminated Manuscripts: a guide to technical terms*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 1994, p. 123.

<sup>23</sup> FAILLACE, V. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. 2009. 99p. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, Rio de Janeiro. 2009, p. 6.

<sup>24</sup> AVRIL, François. *Le fonds des livres d'heures enluminés de la Biblioteca Nacional do Brasil*. Obra em vias de publicação.

<sup>25</sup> Disponível no site BVMM do Institut de Recherche e d'Histoire des Textes  
<[http://bvmm.irht.cnrs.fr/consult/consult.php?COMPOSITION\\_ID=8231&corpus=decor](http://bvmm.irht.cnrs.fr/consult/consult.php?COMPOSITION_ID=8231&corpus=decor)>.

<sup>26</sup> Disponível no *Catalogue of illuminated Manuscripts of the British Library*,  
<<http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/records.asp?MSID=1291&CollID=21&NStart=25>>.



Figura 2. Anunciação com três vinhetas O nascimento da Virgem, A Apresentação da Virgem no Templo, e as Bodas da Virgem. Livro de Horas para Uso de Paris, c. 1460. Rio de Janeiro Biblioteca Nacional (ms. 50,1,)

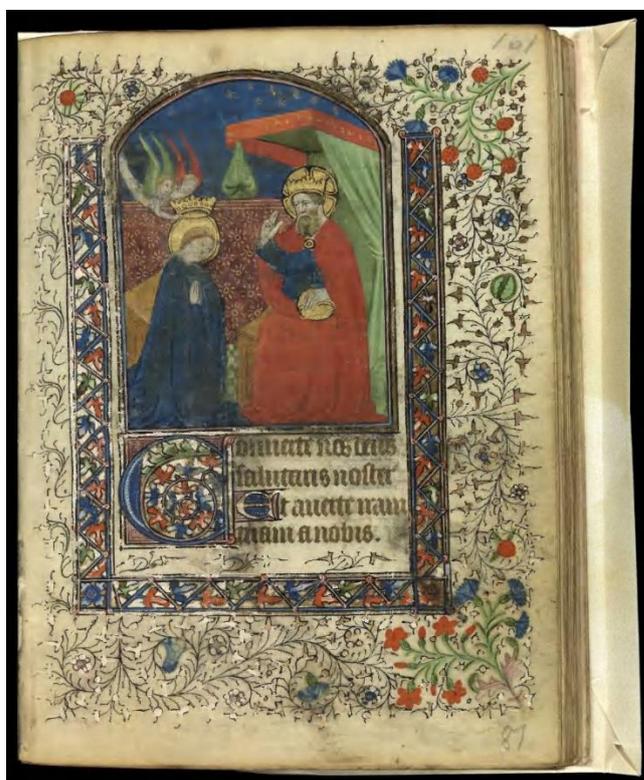


Figura 3. Coroação da Virgem. Livro de Horas para Uso de Rouen, c. 1430. Rio de Janeiro Biblioteca Nacional (M.S. 50,1,19).

O livro 50, 1, 19, segundo o costume de Rouen, tem 158 fólhos, texto dos ofícios em latim e calendário em francês. Possui doze miniaturas de página inteira<sup>27</sup>. Tanto em termos de conteúdo quanto em termos de iluminação este é o livro mais completo da coleção, embora esteja bastante desgastado, principalmente nas partes em azul e dourado, o que sugere a utilização de alguma substância diferente, pouco resistente ao tempo

Para Avril, ele seria datado de cerca 1430 e seria um representante tardio da estética do estilo gótico internacional. Apesar do iluminador não ter sido identificado e de seu uso litúrgico rouanense, ele acredita que esse volume possa ter sido feito em um centro vizinho, situado mais ao norte, em Artois ou Picardia<sup>28</sup>.

Já o livro 50, 1, 22, cuja data de confecção é final do século XV<sup>29</sup>, possui o *super libris*<sup>30</sup> do marquês de Pombal. Seu Uso é segundo Rouen, com texto dos ofícios em latim e calendário em francês, 132 fólhos e 8 miniaturas de página inteira. Para Avril, este livro é obra de um iluminador intimamente aparentado com o Mestre de Echevinage de Rouen<sup>31</sup>.

Nas três folhas de guarda<sup>32</sup> iniciais foram aplicadas seda verde, e a segunda serve de fundo a um pergaminho rendilhado, onde está pintado um medalhão representando Nossa Senhora do Rosário, com uma inscrição *Regina S. S. Rosary*, provavelmente uma adição posterior ao manuscrito, já que não era costume utilizar folhas de seda em livros de horas durante a Idade Média. Ao fim do livro há uma *Pietà*, onde aparece uma mulher em oração diante da Virgem com o Cristo, e um borrão dourado, sugerindo algo escrito que foi apagado. Esta mulher poderia ser uma antiga proprietária do livro.

Em relação a estes três manuscritos iluminados, portanto, podemos perceber uma certa homogeneidade da coleção: os três têm proveniência francesa, teriam sido feitos por artistas franceses e são datados do século XV, o que reforça a informação dada acima sobre a presença de livros franceses na coleção desde o reinado de D. João V, uma possível sobrevivência deles ao terremoto de 1755.

---

<sup>27</sup> FAILLACE, V. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. 2009. 99p. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, Rio de Janeiro. 2009, p. 8.

<sup>28</sup> AVRIL, François. *Le fonds des livres d'heures enluminés de la Biblioteca Nacional do Brasil*. Obra em vias de publicação.

<sup>29</sup> *Ibid.*

<sup>30</sup> Uma inscrição que registra a inclusão de um livro em uma livraria ou coleção, seja ela pública ou privada. Tais inscrições oferecem valiosas evidências sobre a proveniência do manuscrito. BROWN, M. *Understanding Illuminated Manuscripts: a guide to technical terms*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 1994, p. 55.

<sup>31</sup> Artista assim denominado em razão do número importante de manuscritos que iluminou, nos anos 1460-1470, para as autoridades municipais da cidade.

<sup>32</sup> Folhas de guarda no início ou fim de um livro servem para proteger o texto de um eventual dano causado pela encadernação. BROWN, *op. cit.*, p. 57.



Figura 4. A Pietá. Livro de Horas para Uso de Rouen, século XV. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional (ms. 50,1,22).

Já o livro de horas 50,1,1 pode ser considerado a joia da coleção. É um livro singular, tanto por seu conteúdo, quanto por sua iluminação. Ele é todo escrito em latim, possui 200 fólhos, 32 miniaturas de página inteira, 12 miniaturas menores que ilustram o calendário e 33 outras miniaturas intercaladas no texto. Seus caracteres são góticos, e faltam-lhe dois fólhos, o 22 e o 23<sup>33</sup>.

No fólho 199v deste livro de horas, há um colofão que indica que o manuscrito teria sido iluminado por Spinello Spinelli, em 1378, a pedido do padre Joaquim de Sá, pregador do rei D. Fernando de Portugal e ministro português junto ao Papa Gregório XI<sup>34</sup>. Dois estudiosos desse manuscrito, Damião Berge e o historiador da arte James Marrow contestam tal informação e dizem que este colofão é falso.

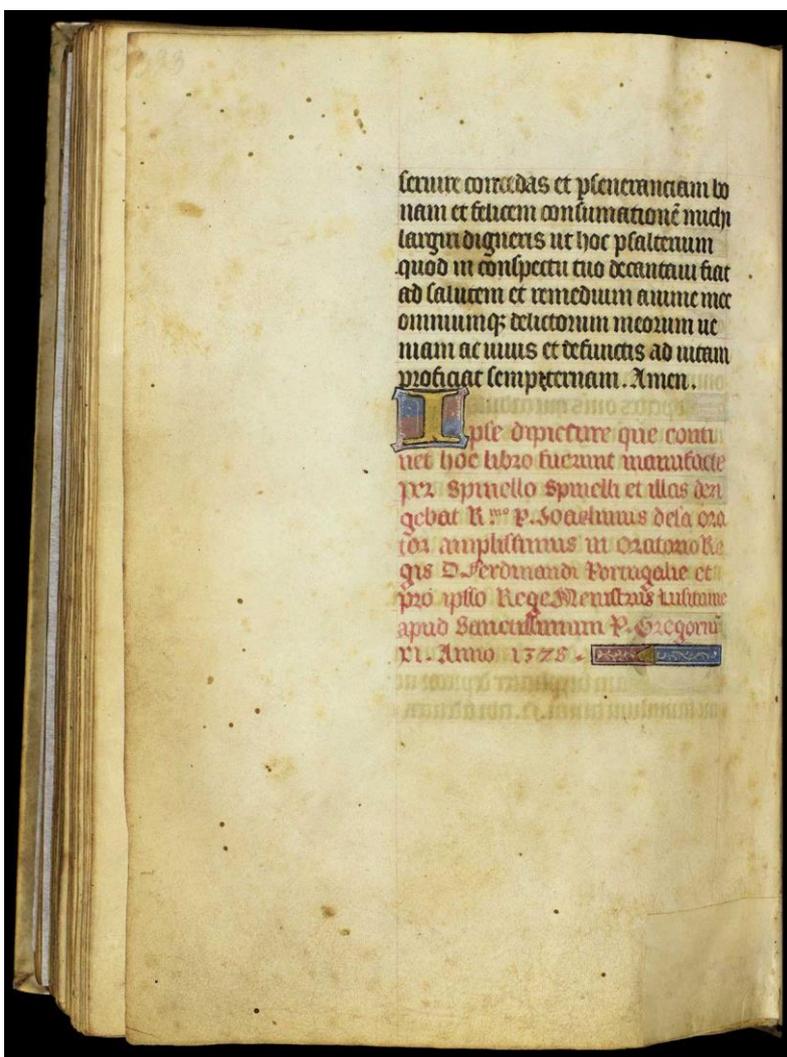


Figura 5. Colofão, escrito em vermelho. Livro de Horas para Uso de Sarum de Salisbury, Bruges, c. 1460. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional (ms. 50,1,1).

<sup>33</sup> FAILLACE, V. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. 2009. 99p. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, Rio de Janeiro. 2009, p. 12.

<sup>34</sup>BERGE, D. "Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional". In.: *Revista Verbum*, Rio de Janeiro, Tomo II, n.1, p. 49-99, mar. 1945.

Para os dois especialistas, ao analisar o colofão, percebem-se diferenças em relação ao tipo de letra em que ele foi escrito, se comparada ao resto do livro, bem como na tinta usada, que seria de um tom de vermelho diferente. A grafia também seria menos rebuscada se comparada ao restante do manuscrito.

Sobre a informação contida ali também há dúvidas: segundo Damião Berge, não há registros de trabalhos de Spinello Spinelli em Roma, nem informações sobre um embaixador ou ministro padre Joaquim de Sá na corte papal a pedido do rei D. Fernando<sup>35</sup>. Tal fato é curioso, uma vez que tais nomeações costumam ser registradas. Isto não quer dizer que ele nunca tenha existido, mas é um indício que reforça a falsidade da informação do colofão.

A iluminura e o brasão português do fólio 1v também são contestados pelos dois especialistas, devido à qualidade do trabalho, à posição do brasão e à posição do folio dentro do livro. Berge acredita que o brasão português contido nele é uma adição posterior e que teria sido feito pela mesma pessoa que escreveu o colofão.



<sup>35</sup> Ibid.

Figura 6. O Martírio de São Sebastião, santo patrono de Portugal, com o brasão português. Livro de Horas para Uso de Sarum de Salisbury, Bruges, c. 1460. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional (ms. 50,1,1).

Para James Marrow, pesquisador americano especialista em manuscritos iluminados, tanto o colofão quanto o brasão são falsos, são adições posteriores<sup>36</sup>. Para ele, este manuscrito faz parte de um grupo particular de livros de horas, produzidos em Flandres para serem exportados para a Inglaterra durante o terceiro quarto do século XV. Além deste livro, os outros que pertencem a este grupo são um livro de horas no Museu Fitzwilliam em Cambridge (Ms. 53)<sup>37</sup> e o Pembroke Psalter-Hour no Museu de Arte da Filadélfia (acc. no. 1945-65-2)<sup>38</sup>. Em comum, eles têm a decoração das margens, as miniaturas estilisticamente similares e iniciais decoradas que são características apenas deles<sup>39</sup>. Outra similitude é a presença de um ciclo iconográfico alternado nas Horas da Virgem: o ciclo da Paixão de Cristo e o Ciclo da Infância da Virgem no verso do fólio.

Também James Marrow acredita que um artista flamengo o tenha iluminado, e aponta discípulos de William Vrelant, um dos principais iluminadores de Bruges em meados do século XV, como os autores de suas imagens<sup>40</sup>. François Avril concorda com James Marrow em relação à datação e à produção artística do manuscrito.

A pergunta que fica, e à qual ainda não se pode responder, é: quem adicionou o brasão português e a iluminura de São Sebastião contidas no primeiro fólio do livro? Quem adicionou o colofão com as informações falsas? Por que tais adições foram feitas ao manuscrito? Para tais perguntas ainda não obtivemos resposta, pois somente um estudo de caso aprofundado poderia respondê-las.

Em relação aos quatro livros, no entanto, podemos ter a certeza de que eles não foram feitos para os monarcas portugueses ou os infantes, mas foram adquiridos. Livros feitos para monarcas costumam ter algum indício de propriedade – um brasão, um ex *libris*, uma inicial, um retrato – o que não é o caso de nenhum dos quatro livros analisados aqui. Tais marcas são tão representativas que alguém esteve disposto a falsificá-las no livro 50,1,1, e obteve sucesso por muitos séculos. Porém, atualmente, somos capazes de afirmar que nenhum desses livros foi de fato feito em Portugal ou para um proprietário português, muito menos para um monarca.

## Conclusão

<sup>36</sup> FRÓES, Vânia Leite. O livro de horas dito de D. Fernando – maravilha para ver e rezar. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Vol. 129, 2011, p. 123.

<sup>37</sup> Disponível no site do Fitzwilliam Museum em:

<<http://webapps.fitzmuseum.cam.ac.uk/explorer/index.php?qu=ms.%2053&oid=169713>>.

<sup>38</sup> Disponível no site do Philadelphia Museum of Art em:

<<http://www.philamuseum.org/collections/permanent/49732.html?mulR=112498188511>>.

<sup>39</sup>MARROW, J. "The Pembroke Psalters Hours". In.: *Als Ich Can: liber amicorum in memory of professor Dr. Maurits Smeyers*. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2005, p. 882.

<sup>40</sup> *Ibid.*, 895 e 896.

Pudemos então perceber, ao longo deste artigo, como a coleção da Real Biblioteca Portuguesa, e em particular a coleção de livros de horas manuscritos, constitui um belo exemplo da circulação de livros que ocorria no mundo moderno. A Biblioteca foi montada e remontada através de uma política de aquisições que contava com emissários nas principais metrópoles europeias – Londres, Paris, Flandres, e, depois, aqui no Brasil, recebeu doações de obras brasileiras – como a coleção de botânica do frei José Mariano Conceição Veloso. Tais obtenções foram responsáveis por construir um acervo diverso e heterogêneo, constituído de mapas, estampas, gravuras, códices e impressos.

Os próprios livros de horas também atestam isso: livros de proveniência francesa e flamenca, que por intermédio de Portugal chegaram até o Brasil. Como livros privados, que são comercializados e passados como herança, estes manuscritos também circulam bastante. Vejamos o livro 50,1,22, por exemplo: ele foi confeccionado no final do século XV em Rouen, segundo François Avril. No final do livro, a mulher em oração diante da *Pietà* vestida com roupas medievais sugere uma primeira proprietária; o *super libris* do Marquês de Pombal na capa sugere o ministro português como outro provável proprietário; já o rendilhado de seda verde com a inscrição em inglês sugere ainda outro caminho pelo qual o livro passou. Isso tudo antes de chegar ao Brasil. Ou seja, pelo menos quatro propriedades diferentes marcadas nas páginas do livro.

Concluindo, estes livros atestam como a circularidade de bens culturais e principalmente de livros era algo bastante comum nas sociedades modernas. Graças a esta circularidade, a Real foi reconstruída e chegou até terras brasileiras, sobrevivendo a um cataclisma, a uma invasão estrangeira, a uma travessia pelo Atlântico e a uma independência.

---

### Referências Bibliográficas

AVRIL, François. *Le fonds des livres d'heures enluminés de la Biblioteca Nacional do Brasil*. Obra em vias de publicação.

BERGE, Damião. Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional. *Revista Verbum*, Rio de Janeiro, Tomo II, n.1, p. 49-99, mar. 1945.

BROWN, M. *Understanding Illuminated Manuscripts: a guide to technical terms*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 1994.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes. Real Biblioteca: apontamentos sobre seu acervo. In: *Anais do Seminário Internacional D. João VI – Um Rei aclamado na América*. Rio de Janeiro: MHN, março/2000, p. 208-220.

\_\_\_\_\_. Subsídios para a história da Biblioteca Nacional. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Vol. 101, 1981, p. 123-146.

FAILLACE, Vera Lucia Miranda. *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*. 99f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, Rio de Janeiro. 2009.

FRÓES, Vânia Leite. O livro de horas dito de D. Fernando – maravilha para ver e rezar. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Vol. 129, 2011, p. 83 – 135.

MARROW, James. The Pembroke Psalters Hours. In.: *Als Ich Can: liber amicorum in memory of professor Dr. Maurits Smeyers*. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras,

WIECK, R. *Painted prayers: the book of hours in Medieval and Renaissance Art*. New York: George Braziller Inc, 1997.